

PRODUÇÃO RURAL FAMILIAR EM JATAÍ(GO) - BRASIL¹

Edione Raquel Fockink².

1. A COMUNIDADE RURAL DA ONÇA. JATAÍ/GO: permanência e resistência no contexto da modernização agrícola

Este trabalho de pesquisa, abordou-se o tema do campesinato, sua importância sócio-histórica para as comunidades atuais e suas influências – direta ou indireta – sobre os meios de produção. Para tal intento, buscou-se a trajetória histórica e bibliográfica vivida pelo camponês, as reformulações conceituais sofridas, à medida que alteram suas relações com o proprietário rural. A fim de compreender esse processo, apoiou-se em alguns teóricos como Kautsky e Chayanov.

Foi apresentada uma discussão sobre a questão agrária no Brasil, focalizando a modernização agrícola nacional e, conseqüentemente, as alterações socioeconômicas ocorridas no município de Jataí/GO. Nessa linha, a abordagem de outros subtemas, tais como: a agricultura familiar na perspectiva teórico-metodológica das ciências humanas e da Geografia Agrária, fez-se necessária para a compreensão do estudo de caso da Comunidade Rural da Onça.

Essa pesquisa na Comunidade Rural da Onça, no município de Jataí – Goiás, Brasil, resgatou a história e formação dessa comunidade e descreveu os costumes, tradições e modo de vida das famílias entrevistadas, compreendendo os principais fatores que levam aqueles pequenos produtores rurais a permanecer no campo.

¹ Dissertação de Mestrado. (2007). Instituto de Geografia/ Laboratório de Geografia Agrária – LAGEA. Universidade Federal de Uberlândia/MG. Professor Orientador: Dr. João Cleps Junior.

² Mestre em Geografia Agrária. Especialista em Educação Ambiental. Professora de Educação à Distância, Curso de Geografia, na Faculdade do Noroeste de Minas -FINOM/Paracatu/MG. Brasil.

1.1 Caracterização socioambiental da Comunidade Rural da Onça

A Comunidade Rural da Onça é formada por pequenos, médios e grandes produtores rurais, está localizada, aproximadamente, a 30 km do centro da cidade de Jataí/GO. As propriedades dos pequenos produtores variam de 4 a 10 módulos fiscais³. Esta pesquisa teve seu estudo voltado aos pequenos produtores rurais filiados a APPRO (Associação dos Pequenos Proprietários Rurais da Região da Onça), esses agricultores da Região da Onça, também denominada Comunidade Rural da Onça⁴, são proprietários das terras, sendo que suas aquisições se deram por meio de heranças oriundas de gerações passadas.

De forma geral, as famílias são descendentes de migrantes paulistas e mineiros. A maior parte é produtora de leite e na sede dessa comunidade, encontra-se um posto de resfriamento do leite. Alguns produtos, como ovos, frango, frutas, queijos e verduras, são vendidos de maneira informal e *in natura* para parentes e “conhecidos⁵” que residem na cidade. A comunidade é antiga no município, suas festas religiosas são importantes para a região, possui uma escola bem estruturada e um clube recreativo, onde acontecem as reuniões da associação de produtores de leite filiados a APPRO⁶.

No que diz respeito à caracterização socioambiental da Comunidade Rural da Onça, são destacados os seguintes aspectos sobre o relevo e o solo.

O relevo na bacia do Córrego da Onça e imediações se caracteriza por dois compartimentos distintos:

a) O topo da chapada: com declividade predominante de 0 a 6%, longos interflúvios e utilização predominante de lavouras comerciais (soja e milho);

b) vertentes medianamente dissecadas: com formas côncavas, convexas e mistas, com interflúvios menores que 2 km, a declividade predominante é de 6 a 12%, porém com áreas de até 70% de declividade nos rebordos erosivos do contato – chapada e vertente dissecada. O uso

³ Em Jataí, cada módulo fiscal equivale a 40 hectares. Fonte: Incra/2003.

⁴ Recebe este nome porque as terras estão localizadas no entorno do Córrego da Onça.

⁵ Termo comum usado para vender à pessoas que já conhecem seus produtos

⁶ Entrevista com Hélio Ranes de Menezes – Supervisor do escritório da Agenciarrural de Jataí/GO – Realizada em Outubro de 2005.

predominante é de pastagem. No entanto é nesse compartimento que se encontra grande parte da vegetação nativa, nas fitofisionomias de cerrado *stricto sensu*, cerradão e mata galeria.

O solo que predomina na bacia do córrego da Onça é o *Latossolo Vermelho Distrófico*, com variações da quantidade de areia, nas áreas de menor declive, encontram-se solos mais argilosos, enquanto que, nas vertentes, ocorrem os areno-argilosos. Ambos muito pobres em nutrientes, porém de boa estrutura e textura. As altitudes na região variam de 600 a 900 m⁷.

1.2. Características dos produtores da Comunidade Rural da Onça

De acordo com os dados de campo, todos os entrevistados são casados e possuem filhos. Dentre os pesquisados, o número de filhos varia entre 1 a 5 filhos por família. A idade média dos responsáveis pelas famílias é de 53 anos, sendo que o mais jovem tem 49 anos e o mais velho 73 anos.

Dentre os moradores da Comunidade Rural da Onça, 61,5% dos pesquisados possuem Ensino Fundamental incompleto; 7,6% Ensino Médio incompleto e 7,6% curso Superior Completo; 23% não divulgaram o nível de escolaridade.

Quanto ao trabalho dos filhos dos entrevistados, pudemos verificar que, dos 21 produtores associados à APPRO, 13 (61,9%) utilizam mão-de-obra dos filhos e 8 (38,1%) não. Quando questionados sobre a vontade de continuar trabalhando na área rural, 52,3%, ou seja, 11 produtores demonstraram total interesse em continuar trabalhando no campo, 38,1% pretendem adquirir uma formação profissional para trabalhar na cidade e nos finais de semana descansar na fazenda. Dois dos entrevistados não responderam sobre a questão de permanecer ou não no espaço rural. É o que demonstra a tabela a seguir:

⁷ MORAGAS, 2005

TABELA 1 – Comunidade Rural da Onça – Jataí/GO: participação dos filhos no serviço agrícola.

Filhos que trabalham na propriedade rural				Interesse dos filhos em continuar na Comunidade					
Sim		Não		Sim		Não		Não responderam	
Qde	%	Qde	%	Qde	%	Qde	%	Qde	%
13	61,9	8	38,1	11	52,3	8	38,1	2	9,6
TOTAL DE ENTREVISTADOS: 21 PESSOAS									

FONTE: Pesquisa de campo / setembro 2006.
Org.: FOCKINK, E. R. 2006.

Com relação à influência do nível de escolaridade dos filhos no desenvolvimento agrícola, dentre os pesquisados, 46,2% consideram que a formação educacional dos filhos ajuda na melhoria dos serviços desenvolvidos no campo e 53,8% responderam “não”, conforme mostra o gráfico 1:

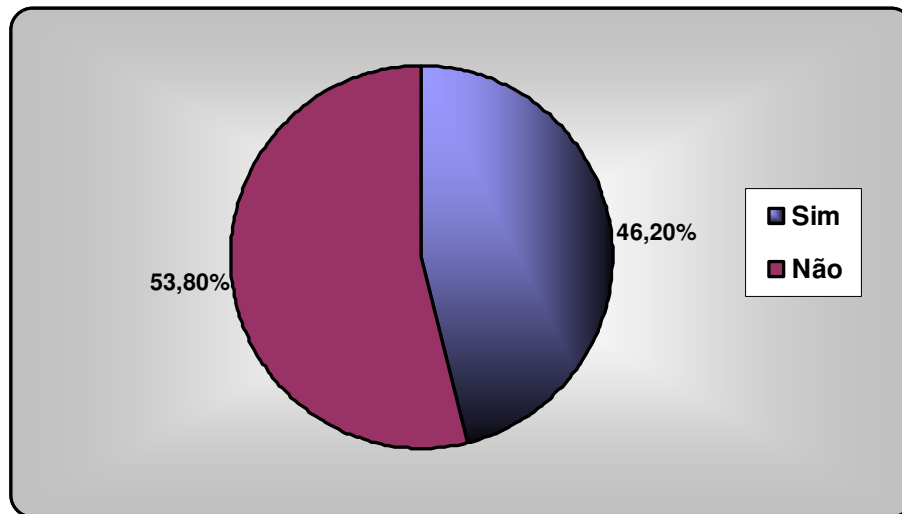


GRÁFICO 1 – Comunidade Rural da Onça – Jataí/GO: grau de instrução dos filhos dos produtores.

FONTE: Pesquisa de campo / setembro 2006.
Org.: FOCKINK, E. R. 2006.

Também foi possível verificar que, além das atividades domésticas desenvolvidas pelas mulheres, todas ajudam em outras atividades rurais e ainda no controle da administração da propriedade e ocupam o tempo vago para os trabalhos artesanais, como crochê e bordados, que são vendidos para

conhecidos mais próximos. Pode-se verificar, segundo o depoimento de 56,6% dos entrevistados, que a qualidade de vida⁸ nessa propriedade é considerada “boa”, e 43,4% responderam que é “muito boa”.

Mesmo não existindo na propriedade atividades de lazer para os filhos, os entrevistados já julgam que a vinda da família para a fazenda representa uma forma de lazer.

Os personagens da pesquisa, quando questionados sobre qualidade de vida, manifestaram contentamento em viver nas suas propriedades rurais. Vimos que eles definiram suas vidas em “boa” e “muito boa” e nenhum manifestou descontentamento em relação à vida no espaço rural.

1.3. A estrutura das propriedades rurais

No município de Jataí – Goiás, a propriedade rural também contribui para o desenvolvimento econômico, e o número de estabelecimentos e a área ocupada pelos agricultores encontram-se no grupo que abrange de 10 a 300 ha. Dentre os entrevistados, 58,3% concentram-se no grupo que abrange menos de 100 ha, e 41,7% enquadram-se no grupo que possui mais de 100 ha, conforme mostra a tabela 2.

TABELA 2: Comunidade Rural da Onça: distribuição de área.

Área em módulos fiscais*	Quantidade de propriedades	Porcentagem
Até 4	12	58,3
De 4 a 15	9	41,7
Mais de 15	-	-
Total	21	100

* Em Jataí/GO cada módulo fiscal equivale a 40 hectares (INCRA – 2003).

FONTE: Pesquisa de campo / setembro 2006.

Org.: FOCKINK, E. R. 2006.

A condição de produtor centraliza-se na categoria de proprietário. O tempo de residência nessa comunidade varia de 5 a 57 anos entre as famílias

⁸ Por ser um assunto muito discutido atualmente, consideramos aqui como uma forma “tranquila” de viver no espaço rural, sem violência, sem poluição sonora e ambiental, sem a agitação do cotidiano urbano e em contato com a natureza.

entrevistadas.

De acordo com os entrevistados, as propriedades que integram a Comunidade Rural da Onça dividem-se em residências para as famílias, local da ordenha (curral), lavoura e pastagem. Em todas as propriedades, existe um espaço do terreno destinado à criação de gado. Após a ordenha as vacas são encaminhadas para a área destinada à pastagem.

Todas as propriedades são dotadas de energia elétrica, televisão, antena parabólica, geladeira, telefone e automóvel. Apenas 32,5% dos entrevistados possuem tratores para realização das atividades agrícolas. Pode-se observar que os agricultores familiares da Comunidade Rural da Onça têm acesso à tecnologia, veículos automotivos, o que indica um nível de qualidade de vida satisfatório para todos os integrantes da comunidade.

A pecuária leiteira é a atividade econômica preponderante entre esses agricultores familiares, que é exercida basicamente por todos os moradores da Comunidade Rural da Onça, com mão de obra centrada no trabalho familiar. A foto 3 ilustra a atividade praticada pelos moradores dessa comunidade, a produção de leite.

Pode-se observar, na tabela 3, que a produção diária de leite varia de 50 a 110 litros por família.

TABELA 3 – Comunidade Rural da Onça: produção diária de leite.

Quantidade/litro	% de famílias
20 – 35	5
35 – 50	45
50 – 70	15
70 – 110	35
Total	100

FONTE: Pesquisa de campo / setembro 2006
Org.: FOCKINK, E. R. 2006.

Com relação as famílias entrevistadas, observa-se que quase a metade (45%) dos agricultores que residem na Comunidade Rural de Onça produzem uma média diária entre 35 a 50 litros de leite; 5% produzem uma média diária

de 20 a 35 litros de leite e 35% produzem por dia uma média de 70 a 110 litros. O processo de tiragem do leite é feito por meio da ordenha manual.

Os afiliados da APPRO entregam a produção para o resfriador de leite, que fica na sede da comunidade. O pagamento da produção é feito mensalmente pelo laticínio diretamente na conta bancária de cada produtor.

A coleta de leite é feita diariamente em cada propriedade, por caminhões que levam os tarros⁹ vazios, trocando-os pelos cheios. Chegando ao resfriador, o leite é pesado, passa pelo teste de acidez e é despejado no tanque resfriador que tem capacidade para 2.500 litros. O destino da produção segue para o laticínio Marajoara¹⁰, localizado em Hidrolândia/GO, o qual recolhe o leite num intervalo de dois dias, utilizando caminhões-tanque. O laticínio beneficia toda a produção fabricando queijo, manteiga e leite longa vida.

O leite longa vida, ultrapasteurizado ou UHT, é o leite líquido homogeneizado, que foi submetido durante 2 a 4 segundos a uma temperatura entre 130 e 150° C, mediante um processo térmico de fluxo contínuo; imediatamente resfriado a uma temperatura inferior a 32°C e envasado assepticamente. Para o leite ser classificado como longa vida, precisa, em primeiro lugar, contar com a matéria-prima de boa procedência, pois o equipamento que processa o leite longa vida não opera, economicamente, com matéria-prima de má qualidade. Segundo, passar pelo processo de ultrapasteurização, para, em seguida, ser acondicionado em embalagens assépticas. Dentro destas, o leite longa vida fica protegido de qualquer contaminação e não necessita de nenhum conservante¹¹.

Além da pecuária leiteira, essas famílias produzem milho, cana, mandioca, investem na avicultura e na criação de porcos. A contratação de empregados para atividades ligadas à agricultura e pecuária na Comunidade Rural da Onça é limitada.

Na pesquisa, apenas 10% das famílias entrevistadas declararam que contratam empregados temporários, sendo apenas um trabalhador para desenvolver diversas atividades. As demais famílias não contratam

⁹ Recipiente com tampa onde é colocado o leite.

¹⁰ Marajoara Indústria de Laticínios Ltda. Rodovia BR 153, Lote 01 – A. Hidrolândia/GO. Filiada à ABLV – Associação Brasileira do Leite Longa Vida.

¹¹ Fonte: ABLV - Associação Brasileira do Leite Longa Vida (2007).

empregados e as atividades ligadas à agricultura e à pecuária são de responsabilidade dos próprios membros da família, ou seja, pai, mãe e filhos.

Com relação aos fatores que favorecem as atividades agrícolas, 90% destacam o investimento tecnológico e a assistência periódica; os demais 10% consideram o financiamento oferecido pelo governo ao produtor agrícola.

Em decorrência das alterações que estão ocorrendo nos meios de produção, pode-se observar que o investimento tecnológico e a assistência periódica representam, para os agricultores familiares da Comunidade Rural da Onça, os principais fatores que estimulam a atividade agrícola. O financiamento e os demais créditos oferecidos pelo governo federal encontram-se em segunda categoria.

No entanto, ao serem questionados se a propriedade recebe auxílio do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF-, 90% responderam que, atualmente, não recebem, mas que, em anos passados, receberam pequenas parcelas. Apenas 10% afirmaram que atualmente contam com auxílio financeiro.

Dentre as famílias que recebem auxílio do governo federal, foram apontados como principais benefícios o PRONAF e o financiamento pelo Banco do Brasil. Para essas famílias, a vinculação ao programa facilita a venda do leite e gera melhores resultados para o pecuarista.

Em Jataí, são, aproximadamente, 400 produtores que já foram beneficiados com o PRONAF, sendo que alguns produtores da Região da Onça receberam auxílio em 2006. Os critérios para o produtor adquirir esses benefícios, é que não possua área acima de 160 ha para agricultura ou 240 ha para pecuária de corte, 80% da renda da família tem que vir da propriedade, não pode ser funcionário público, ou ter participação em empresa; e a renda bruta anual para o grupo D é de R\$16 a R\$45 mil reais. O beneficiário pode ser proprietário, arrendatário ou comodatário¹².

A Cooperativa de Crédito Rural da Agricultura Familiar, com interação solidária de Jataí (CREDIJAT), é responsável por avaliar, aprovar e distribuir as verbas aos pequenos produtores rurais familiares do município, bem como fiscalizar a sua utilização.

¹² Fonte: Funcionário: Weiner Silva. CREDIJAT (2007). Avenida Dorival de Carvalho, 141 – Setor Central. Jataí/GO.

Além das atividades implantadas na propriedade, 40% dos produtores da Comunidade Rural da Onça prestam serviços para as propriedades vizinhas.

Dentre os serviços prestados pelos produtores familiares da Comunidade Rural da Onça aos seus vizinhos, destacam-se: plantação de cana, prestação de serviços com trator, roçar pasto, gradear a terra e serviços gerais. Nota-se que há, entre essas famílias, um clima comunitário. Segundo alguns entrevistados, tais serviços são prestados sem remuneração.

Foi possível observar que a maioria dos produtores familiares da Comunidade Rural da Onça está satisfeita com suas propriedades, pois, além de serem herdadas fornecem alimentos para o sustento da família e são particulares. Apenas 20% dos entrevistados responderam que têm vontade de mudar de emprego, enquanto 80% desejam continuar em suas atividades agrícolas.

Dentre os produtores familiares que residem na Comunidade Rural da Onça e que buscam uma outra fonte de renda diferente nos serviços agrícolas, os fatores que os levam a tomar essa decisão são os problemas de saúde, enquanto os fatores que justificam a sua permanência desses na comunidade são: manter as atividades da fazenda; gostar de trabalhar no campo; não conseguir fazer outra atividade porque já estão acostumados com as atividades rurais.

Quanto ao desejo de morar na cidade, 80% dos produtores familiares que residem na referida comunidade disseram que não há interesse em mudar para a cidade, apenas 20% informaram que almejam esta mudança. Os principais fatores que levam essas famílias a continuar residindo no campo são: a vida na cidade é muito corrida e não conseguem adaptar-se com um novo ritmo de vida; a cidade é poluída e perigosa; já no campo se vive com mais tranquilidade. Dentre os produtores que almejam morar na cidade, as justificativas são: não gostam do trabalho no campo; problemas de saúde associados a velhice; e a distância entre o meio rural e o urbano.

Numa conversa durante o trabalho de campo, tivemos relatos de produtores que não demonstraram vontade de mudar para a área urbana, dentre eles, um foi categórico com a resposta, quando questionado sobre residir na cidade:

Pode-se perceber, também, que esses produtores familiares apresentam planos e metas de trabalho agrícola diversificados. As principais metas são investir na agricultura e na pecuária. Porém as dificuldades para conseguir financiamento dificultam a realização dessas metas.

1.4. Associação dos Pequenos Proprietários Rurais da Região da Onça – APPRO: organização e trabalho

O associativismo, como forma de organização para fomentar a resistência do pequeno produtor na área rural, foi um dos objetivos da pesquisa, questão que também foi discutida anteriormente no primeiro capítulo deste trabalho, baseada em Chayanov (1974) e outros autores.

A organização dos produtores visa melhorar a vida do homem no campo para que aconteça sua permanência no espaço rural. Muitas dessas organizações surgem no campo. Alencar (2001) define o associativismo de forma ampla e mostra que muitos tipos de organização social encontram-se presentes na área rural. O associativismo é um grupo social organizado com objetivos comuns. Os sindicatos e as cooperativas são exemplos de associativismo.

As associações, cooperativas ou sindicatos não possuem dono ou grupo de pessoas como proprietárias. Tais organizações são administradas por pessoas que pensam, formulam e ajudam a tomar decisões, e que são escolhidas em assembléias. Cada associado tem um voto, não importando a posição que exerça dentro da associação.

Para Alencar (2001), o associativismo rural é uma forma de manifestar as lutas dos pequenos produtores rurais, favorecendo a permanência na terra, garantindo uma renda e a participação como cidadãos.

Uma associação pode ter complexas formas de organização, pois os estatutos são variáveis e adequados às necessidades dos afiliados. A idéia de organizar um grupo social que vá resultar numa associação pode partir de um pequeno produtor rural, que reunirá os futuros associados e organizará o estatuto que será seguido.

A Comunidade Rural da Onça tem uma associação de pequenos produtores rurais com objetivos comuns pré-estabelecidos em reuniões.

Em entrevista realizada com o idealizador da APPRO, o Sr. Izalter¹³, essa associação foi criada em maio de 1996 com o objetivo de, num sistema de agrupamento, buscar melhores condições de “sobrevivência” para a classe de pequenos produtores rurais, a qual passava por grandes dificuldades financeiras. No ano de sua fundação, a organização contava com 25 associados. A idéia de criar uma associação partiu de uma observação empírica em comunidades e organizações nos municípios de Ponta Grossa e Castro, localizados no estado do Paraná. A APPRO, que sempre teve esse nome, trouxe benefícios para os associados, pois iniciou, de uma forma coletiva, a venda do leite produzido pelo pequeno produtor rural familiar, garantindo-lhe o melhor preço, o destino do produto e a renda.

No ano da fundação, o Sr. Izalter era vereador, condição que favoreceu a arrecadação de donativos oriundos do Governo do Estado (um trator novo, transformador de voltagem, touros para melhoria do rebanho, dentre outros materiais) e a organização do espaço físico para a concretização de tanques de expansão de resfriadores de leite. A contribuição dos associados auxiliou os produtores menos favorecidos e na construção do primeiro barracão. Atualmente (2007), as reuniões dos associados acontecem na sede da Comunidade Rural da Onça, onde possui também uma escola e o resfriador de leite.

Os objetivos desde a fundação da associação são os mesmos até os dias atuais (2007), bem como o produto principal que é o leite vendido *in natura* para uma empresa processadora. Essa produção não garante um crescimento econômico que reflete nas melhorias da propriedade, porém garante uma renda fixa, fator importante para a permanência dos pequenos associados em suas propriedades rurais.

O idealizador da APPRO foi presidente na ocasião da criação da associação e deixou este posto por questões estatutárias e por entender que “não devemos ter uma entidade como essa com objetivos pessoais”. Para o entrevistado a associação contribui na fixação do pequeno produtor rural em suas propriedades, pois em nossa região esse segmento enfrenta muitos problemas por falta da diversificação de culturas.

¹³ Sr. Izalter Francisco de Souza, radialista e pequeno produtor rural em Jataí/GO. Entrevista concedida em julho de 2006.

Nos dias atuais (2007), a APPRO enfrenta alguns problemas, como a desvinculação de alguns associados, o que resulta na diminuição da arrecadação e na produção de leite.

Na sede da Comunidade Rural da Onça, encontra-se a escola Campos Elísios, o resfriador de leite, a sede da associação e a residência do responsável pela manutenção do local.

O local que abriga o resfriador de leite da associação, está localizado junto a sede da comunidade. Temos nos fundos, dessa construção as dependências do local, o tanque resfriador, com a capacidade de 2.500 litros de leite, os tarros vazios, a esteira utilizada para auxiliar no descarregamento dos tarros com leite que chegam no caminhão de coleta, uma dependência com lavatório para os funcionários e uma caixa de água.

Em conversas com antigos associados da APPRO¹⁴, pode-se verificar que eles saíram da associação, pois pararam de produzir leite, estavam insatisfeitos com o preço da anuidade e também com a pouca renda mensal resultante da venda do produto para o laticínio. Atualmente (fevereiro de 2007), o produtor recebe 41 centavos de real por litro de leite.

As dificuldades enfrentadas pelos pequenos produtores rurais também foram destacadas por esses dois ex-associados, dentre elas, citaram: a distância da área urbana, a péssima condição das estradas, a falta de infraestrutura na área rural e o alto custo na manutenção dos animais, como gastos com ração e artigos veterinários. Mencionaram, também, a falta de incentivos fiscais para auxiliar na produção de leite. O Sr. Atair deixou de entregar o produto ao resfriador porque o caminhão de coleta parou de buscar o leite na fazenda, pois três entregadores de propriedades vizinhas arrendaram suas terras e, então, pararam de fornecer leite, sendo assim, o serviço de coleta tornou-se inviável para fazer um percurso longo e buscar leite somente de um produtor. A propriedade do Sr. Atair produzia em média 150 litros por dia.

1.5 O associativismo: resistência à exclusão

¹⁴ Conversas entabuladas em janeiro de 2007, com os Srs. Atair Cruzeiro do Prado, Onício Cruzeiro do Prado.

O associativismo está inserido nas mais diversas manifestações da sociedade e da economia. Esse sistema de organização surge numa forma viável de unir um grupo de pessoas num objetivo comum, dando condições de superação ao êxito de muitos ideais levantados pelo grupo.

No espaço rural tais organizações estão presentes como forma de integrar, num propósito comum, as orientações cabíveis à produção econômica e o destino do produto que conta com o incentivo da associação.

Para Pinheiro (1999), as associações surgem de uma forma homogênea e num segmento social específico, elas são condicionadas às necessidades fluentes.

As associações objetivam potencializar os resultados, trabalhando em conjunto com benefícios e metas em comum, elevando, assim, a capacidade do grupo envolvido em permanecer atuante, seja no mercado ou no meio social.

Muitas associações surgem a partir de relações interativas influenciadas por laços de amizade, parentesco ou vizinhança, isto é, pessoas ligadas por grande coesão social.

Para Alencar (2001), o associativismo está ligado a todos os tipos de organização social que se encontram no meio rural, buscando, assim, por meio de uma organização ou uma coletividade, propósito em comum.

Na comunidade rural estudada, temos o associativismo presente numa forma de coesão organizacional, dando resultados satisfatórios para seus afiliados, pois garante incentivos para a produção de leite e o destino desta produção.

A APPRO foi idealizada no ano de 1996 e tem sido, até hoje, um importante instrumento de apoio ao pequeno produtor rural, principalmente por assegurar uma fonte de renda mensal.

Neste ano de 2007, o presidente da APPRO é o Sr. Corivaldo Furtado de Ozêda¹⁵ e o vice-presidente é o Sr. José Abadio de Gouveia, esse mandato valerá até fevereiro de 2008.

Numa associação, a confiança e a participação são os princípios básicos e, no caso da APPRO, foi o que verificamos, pois tanto o presidente como o

¹⁵ O Sr. Corivaldo foi presidente da CREDIJAT na gestão 2002/2004.

vice estão empenhados na busca por melhorias das condições de trabalho, procurando auxílio em órgãos competentes, em cursos de capacitação e aperfeiçoamento, resultando, assim em benefícios, tanto particulares quanto coletivos.

A partir da década de 1980, as associações rurais começaram a emergir como um fenômeno generalizado no campo. Nesse sentido,

o associativismo é um movimento que, desde a década de 1980, vem alcançando amplitude nacional, merecendo, por isso mesmo, atenção nesse momento em que se discutem políticas de apoio à agricultura familiar (PINHEIRO, 1999, p. 328).

Os produtores organizam-se na tentativa de construir formas adequadas às reivindicações específicas nos assuntos que envolvam os propósitos de melhorias em comum.

No meio rural brasileiro, teve destaque a iniciação de questões referentes ao desenvolvimento de projetos comunitários, porque já no início da década de 1950, começaram a surgir experiências mais sistemáticas, partindo dos programas de assistência do governo norte-americano, as quais objetivavam promover a educação e a modernização no espaço rural latino-americano neutralizando, assim, a influência de assuntos comunistas conforme Pinheiro (1999).

Como forma de obter condições favoráveis para si e para um grupo de pessoas, a idéia de estruturar uma associação surge a partir de estratégias de formação espontânea fundamentadas na interação entre seus participantes, que podem ser amigos, parentes ou vizinhos.

Na associação pesquisada, encontramos esses três tipos de participantes. São parentes, amigos e vizinhos, e é muito comum escutar a expressão “compadre”, o que nos leva a concluir que os afiliados à APPRO são notoriamente mais que parentes, amigos e vizinhos.

Assim, esses sistemas organizacionais fluem de ideais conjuntos às melhorias que poderão ser alcançados. As associações de produtores resistem às dificuldades encontradas no decorrer de sua história, porém são superadas com seus resultados. Há 11 anos, a APPRO e seus associados “caminham” em união, para conseguir manter seus objetivos e, com isso, usufruir diariamente de seus proveitos.

2. Heranças Socioculturais da Comunidade: as festas religiosas

Em entrevista com o historiador Sr. Manoel¹⁶ e moradores da Comunidade Rural da Onça, certificamos-nos de que os produtores locais são antigos moradores e estes adquiriram a sua propriedade na forma de herança. Nas propriedades dessa comunidade rural, acontecem, anualmente, duas festas religiosas, as quais recebem muitos moradores do município de Jataí e cidades vizinhas. A festa de São Sebastião e a Festa de Nossa Senhora da Abadia que têm lugar, respectivamente, nos meses de janeiro e agosto, são eventos seculares e tiveram seu início com base em promessas feitas por antigos moradores da região. A Festa de São Sebastião foi organizada sob o problema da “peste”, que estava matando muitas cabeças de gado e a de Nossa Senhora da Abadia surgiu após votos (promessas) contra as invasões dos índios que habitavam a região¹⁷.

Os moradores mais antigos da comunidade preservam uma cultura antiga, que é expressa na culinária e nos hábitos cotidianos¹⁸.

A Festa de Nossa Senhora da Abadia acontece em 14 de agosto, mas os preparativos iniciam-se um mês antes desta data. Em caravana, o grupo de devotos, formado por, aproximadamente, quinze pessoas, sai a cavalo pedindo doações nas fazendas da região¹⁹. Na festa tiros de festim são emitidos pelo chefe da folia, “Seu Valdelício”²⁰, anunciando a chegada e a saída da fazenda.

Essa festividade surgiu há mais de um século, partindo da promessa feita para a Santa por antigos fazendeiros da região, que viviam sob constante conflito com os índios que invadiam suas terras²¹.

De acordo com “Seu Meco”²², os índios que habitavam regiões vizinhas ao município de Jataí eram os Bororos do grupo Gê. As invasões aconteciam

¹⁶ Sr. Manoel Messias do Prado (2006).

¹⁷ Conversa com o Sr. Manoel Messias do Prado, antigo morador da região que participa das festas há mais de 60 anos.

¹⁸ Entrevista com o historiador e atual vereador do município de Jataí/GO, Sr. Gênio Eurípedes de Lima Assis, em Abril/2006.

¹⁹ Essas doações podem ser: vacas, galinhas, frutas, porcos, mandioca, dinheiro, macarrão, arroz, feijão, bebidas e algo que contribua para a festa.

²⁰ Sr. Valdelício Nunes de Oliveira, chefe da folia de 2006.

²¹ Ver SALGUEIRO, 1999.

²² Sr. Binônio da Costa Lima, historiador, residente em Jataí/GO. Entrevista realizada em 29 de outubro de 2006.

nas casas da região no século XIX, num sistema que a literatura indígena chama de “corrida”, que consiste em largar as aldeias e ficar, aproximadamente, um mês caminhando, inquietando e invadindo com atitudes brutais residências desconhecidas. Essas invasões, muitas vezes, eram seguidas de mortes de alguns moradores, fatos que podem ser descritos por estudiosos de Jataí/GO e municípios vizinhos. Nossa Senhora da Abadia é a protetora dos homens da zona rural, e desde então, os conflitos foram diminuindo até desaparecerem. Assim, a festa acontece anualmente como pagamento do voto à Santa, que “resolveu” o problema.

No dia 14 de agosto, várias pessoas do município e região vão para a fazenda escolhida na festa anterior para comer, beber e dançar para a imagem²³. São necessários três dias para os preparativos finais da festa, quando muitas pessoas ficam acampadas na fazenda e outras pernoitam em redes estendidas debaixo das árvores próximas à sede da propriedade rural.

Essa festa ocorre desde o ano de 1874, e, com o passar do tempo, alguns modos de agradecer às promessas feitas à Santa, foram sendo incorporados ao evento²⁴.

Com os donativos arrecadados nas visitas às fazendas da região, são feitos leilões e as refeições no dia da festa.

Na cozinha, construída para as festas, estão instalações adequadas à demanda das festividades, pois com as doações são feitas quatro a cinco refeições no dia da festa. As cozinheiras responsáveis se revezam nos trabalhos que se iniciam a três dias do evento. Esse trabalho comunitário de cozinhar e organizar as refeições é executado por cerca de doze mulheres e dez homens, que se empenham com disponibilidade e alegria nas tarefas diárias.

Observou-se, também, que no dia do evento, muitas pessoas se deslocam da área urbana do município e de fazendas vizinhas, por meio de carona, caminhando ou de ônibus, para fazer as refeições diárias, pois estas são servidas gratuitamente. Além de levarem para suas casas a comida que sobra no final do dia.

No dia 20 de janeiro, acontece, na Comunidade Rural da Onça, a festa

²³ Bandô de tecido e madeira com a uma foto da Santa ao centro.

²⁴ Entrevista com o Sr. Manoel Messias do Prado, em 29 de maio de 2006.

de São Sebastião, santo protetor dos animais. Este evento tem seus rituais muito parecidos com a Festa de Nossa Senhora da Abadia, como a arrecadação de doações um mês anterior à festa, a chegada da imagem que está num bandô, a cantoria, a adoração com rezas do terço, os fogos de artifício; a fogueira; e, à noite, a imagem é colocada na ponta de um mastro com aproximadamente vinte metros e erguido ao lado da fogueira, que já está queimando. Essa imagem fica até o amanhecer.

As festas da comunidade revelam semelhanças entre si, pois, além de serem em homenagem a graças alcançadas a partir de promessas feitas a santos, ocorrem em lugares previamente escolhidos, que podem ser repetidos na mesma fazenda, onde o altar é montado com a imagem do santo que está num bandô. Esse altar passa ser o espaço sagrado onde o crente entra em comunicação mais completa com o divino²⁵. Neste altar, as cantorias, as velas e as homenagens seguem-se pelo dia todo.

Podemos ver o adorno feito com galhos naturais de palmeiras, flores naturais e artificiais, o bandô com a imagem do santo, as velas, uma viola e um pandeiro. Esse altar é provisório, ficando à disposição de seus devotos somente no dia da festa.

Ao descrever a Festa do Espírito Santo na cidade goiana de Pirenópolis, Brandão (1978) ressalta as “festas de santo” não expressam somente um significado divertido e curioso, mas seus devotos manifestam simbolicamente gestos de comunicação entre si e os santos. Nas festas pesquisadas, mesmo que seja por um curto período de tempo, notou-se a presença assídua de crentes pedindo e agradecendo aos santos.

Esses dois eventos, embora tenham surgido com base em promessas feitas por moradores da região, contra a invasão dos índios na fazenda e contra a peste dos animais, com o passar do tempo, foram incorporando novos pedidos aos santos na forma de manifestações particulares.

Durante as festividades, pudemos presenciar diversas pessoas ajoelhadas pagando suas promessas ou pedindo alguma graça. Elas se comunicam com os santos em voz alta, com cantorias, fogos e por meio de

²⁵ Para maior compreensão do espaço sagrado como lugares santos ver Rosendahl (1996, 1999).

gestos.

Dentre todos esses rituais que simbolizam as duas festas pesquisadas, foram verificadas formas de manifestações voltadas à identidade de cada participante, pois cada um paga a graça alcançada de modo particular dentro das expressões sagradas. Muitos devotos dos santos agradecem aos pedidos, acompanhando ajoelhados a procissão que chega pela estrada da fazenda. Assim, podemos concluir que foram sendo incorporados novos motivos de agradecimentos aos santos, o que desperta nos participantes o interesse em estar presente junto às imagens para pedir e demonstrar gratidão pelas graças alcançadas.

Essas festas rurais são vividas dentro de uma forma não somente em sua simbologia, mas com particulares formas de expressões identitárias. (Rosendahl, 1999). As pessoas envolvidas com o evento procuram dar o melhor de si, por meio do trabalho que acontece no dia das festividades, além da alegria de poder ajudar colaborando sem medir esforços, rezam, revêem amigos e saem por algumas horas do trabalho rotineiro de suas propriedades.

Em entrevista com a Sra. Celma Ferreira do Prado, viúva do Sr. José Francisco do Prado, que participava das festas há mais de sessenta anos, constatou-se que o empenho dos moradores em ajudar e participar da folia é intenso, pois o evento é esperado com empolgação por pessoas da Região da Onça, fazendas vizinhas, da área urbana de Jataí e de outros municípios.

Tais festas, além de atraírem muitas pessoas que residem na Comunidade Rural da Onça, auxiliam na permanência do pequeno produtor no campo, pois a participação tanto na organização como no dia do evento, resulta na satisfação pessoal. Notou-se, também, que a religião predominante é a católica.

Os festejos têm lugar na propriedade escolhida na festa anterior, através de um sorteio. O público que prestigia esse evento fica em torno de 600 pessoas, que se deslocam da área urbana por meio de carona, ônibus fretado pela prefeitura local e muitos caminhando. Tudo é recompensado com a alegria de ter refeições fartas e variadas no dia do evento. O final das festas acontece após a queima da fogueira, que pode chegar até a madrugada do dia seguinte.

Assim, ao concluir a pesquisa de campo, é possível descrever os pequenos proprietários da Região da Onça como trabalhadores rurais que

resistem ao êxodo rural, por gostarem da vida no espaço rural herdado, incluindo aí não só a propriedade, mas também os traços culturais da terra e os laços afetivos que enriquecem a tradição familiar no campo.

Por outro lado, esses trabalhadores fornecem seu produto principal, o leite, a uma única empresa, que detém a sua comercialização.

Esses pequenos produtores rurais familiares, sujeitos da pesquisa, são pessoas que acreditam no trabalho e na solidariedade, portadores de profunda religiosidade e cidadãos que lutam com as forças que possuem ou que lhes são propiciadas para preservarem suas identidades e seus valores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A agricultura familiar continua representando um dos principais eixos norteadores das discussões que envolvem a questão agrária no Brasil. Tal fato se deve, por um lado, à influência no desenvolvimento socioeconômico do país, uma vez que, sem a existência dessa modalidade, a agricultura sofreria problemas no abastecimento alimentar, e uma grande parcela da população estaria sem emprego.

Para melhor compreender a relevância da agricultura familiar para o desenvolvimento socioeconômico do país, foi necessária uma cuidadosa revisão bibliográfica acerca da definição de camponês e do seu papel nesse contexto – isso porque os sujeitos deste estudo se encaixam nesse perfil, possuem laços familiares de sangue e suas características inserem-se nas definições de campesinato.

Há que se destacar que a agricultura familiar representa um mercado de trabalho gerador de emprego e renda para muitos brasileiros. As famílias que exercem a pequena produção dependem da renda e dos benefícios para garantir a sobrevivência dos seus filhos e demais dependentes.

Contudo, mesmo considerando tamanha importância, várias mudanças ocorreram no campo, o que gerou transformações para muitos agricultores e seus familiares, conforme o que foi mostrado neste trabalho de pesquisa. Os resultados advindos dessas mudanças, nem sempre têm favorecido os pequenos agricultores, pois alguns destes foram obrigados a mudar-se para os

centros urbanos em busca de novos empregos, principalmente com a modernização agrícola.

Os sujeitos desta pesquisa foram integrados ao meio rural por intermédio da aquisição de suas terras, advindas de heranças. Para as muitas famílias, a propriedade rural adquiriu um valor sentimental, além de não gostarem do modo de vida urbano. Em entrevista à pesquisadora, a maioria dos moradores daquela comunidade não pretende sair do espaço rural. São integrados, mesmo possuindo opiniões divergentes sobre a produção e a distribuição de produtos, na relação, por exemplo, com a associação, que lhes garante o destino da produção de leite.

O estudo sobre o modo de vida e suas interações com o espaço rural foi importante para a pesquisa, destacando as relações de trabalho voltadas para a subsistência familiar. De acordo com os levantamentos feitos na comunidade pesquisada, esta se encontra organizada de forma a permitir ao camponês continuar residindo no campo. Esses produtores não pretendem morar na cidade, gostariam de receber mais incentivos governamentais para investir na propriedade e, assim, permanecerem nelas.

REFERÊNCIAS

ARCOVERDE, A. C. B. **O coletivo ilusório**: uma reflexão sobre o conceito de comunidade. Recife: Universitária: UFPE, 1985.

BLUM, R. Agricultura familiar: estrutura preliminar da definição, classificação e problemática. In: TEDESCO, J. C. (Org). **Agricultura familiar**: realidades e perspectivas. 2 ed. Passo Fundo: Ediupf, 1999. p. 57 – 107.

BRANDÃO, C. R. **O divino, o santo e a senhora**. Rio de Janeiro: Mícron, 1978. cap. 1,3 e 7.

CHAYANOV, A. V. **La organización de la unidade económica campesina**. Bueno Aires: Nueva Vision, 1974. cap. 3, 4 e 7.

FOCKINK, E. R. A (re)estruturação da agricultura familiar frente a expansão agrícola no sudoeste goiano: o caso de Jataí/GO. In: JORNADA DE GEOGRAFIA, 6, 2004, Jataí. **Anais...** Jataí, GO: UFG/CAJ, 2004. 1 CD ROM.

KAUTSKY, K. **A questão agrária**. Tradução de C. Iperoig. 3. ed. São Paulo:

Proposta editorial, 1980.

LAMARCHE, H. **A agricultura familiar**: comparação internacional. Tradução de Frédéric Bazin. Vol. 2. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

MORAGAS, W. M. **Análise dos sistemas ambientais do alto do Rio Claro – Sudoeste de Goiás**: contribuição ao planejamento e gestão. 2005. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro. 2005.

MOURA, M. M. **Camponeses**. São Paulo: Ática, 1988.

OLIVEIRA, A. U. de. A Geografia Agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 63 – 110.

PINHEIRO, D. A agricultura familiar e suas organizações – o caso das associações de produtores. In: TEDESCO, J. C. (Org.). **Agricultura familiar**: realidades e perspectivas. 2. ed. Passo Fundo: Ediupf, 1999. p. 337 – 365.

ROSENDAHL, Z. **Espaço e religião**: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996.

_____. **Hierópolis**: o sagrado e o urbano. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.

TEDESCO, J. C. Contratualização e Racionalidade Familiar. In: TEDESCO, J. C. (Org.). **Agricultura familiar**: realidades e perspectivas. 2. ed. Passo Fundo: Ediupf, 1999. p. 107 – 148.

WANDERLEY, M. de N. B. Capital e propriedade fundiária na agricultura brasileira. In: ARAÚJO, B. J. de. (Org.). **Reflexões sobre a agricultura brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 15 – 40.

_____. O camponês: um trabalhador para o capital. **Cad. Dif. Tecnol.**, Brasília, v.2, n.1, p. 13 – 78, jan./abr.1985.

WILKINSON, J. **O Estado, a agroindústria e a pequena produção**. São Paulo: Hucitec, 1986. cap. 1 – 4.

WORTMANN, H. F. **Herdeiros, parentes e compadres**: colonos do sul e sitiantes do NE. São Paulo: Hucitec, 1995.

WWF-BRASIL. **Expansão agrícola e perda da biodiversidade no cerrado**: origens históricas e o papel do comércio internacional. Brasília: WWF-Brasil, nov. de 2000. Série Técnica, v. VII.